

**O falso Félix.
Monteiro Lobato e o hibridismo das Américas**

*Biagio D'Angelo**

RESUMO

Nas últimas décadas, assistimos a uma leitura crítica dos estudos sobre as Américas “em vertical”, consideradas, portanto, não apenas como um *continuum* continental, mas também como um lugar de diferenças significativas. Como consequência, observa-se uma revisão daqueles conceitos hegemônicos que colocavam os Estados Unidos como lugar produtor de discursos e a América do Sul como lugar antagônico, consumidor ou repetidor. Monteiro Lobato, que foi definido por Oswald de Andrade como “Gandhi do modernismo”, apresenta uma proposta cultural moderna e híbrida, que bem ilumina o pioneirismo inovador do criador da boneca Emília.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos americanos; Monteiro Lobato; Hibridismo; Glocalização; Comparatividade

ABSTRACT

During the last decades, we have witnessed to a critical reading of the studies about Americas, considered in a “vertical” interpretation, which means not only as a continental *continuum*, but also as a geo-political space of significant differences. As a consequence, we observe also a profound review of those hegemonic concepts that appointed the United States as a place producing discourses and South America as an antagonistic place, consumer or repeater. Monteiro Lobato, which was defined by Oswald de Andrade as the “Gandhi of Modernism”, presents a modern and hybrid cultural proposal, which illuminates the innovative pioneer spirit of the creator of *Emilia*.

KEYWORDS: American Studies; Monteiro Lobato; Hybridism; Glocalization; Comparability

* Professor Adjunto de Teoria, Crítica e História da Arte no Instituto de Arte – Departamento de Artes Visuais – da UnB (Universidade de Brasília) – Brasília – DF - Brasil. biagiodangelo@gmail.com

Mas você, Lobato, foi o culpado de não ter a sua merecida parte de leão nas transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a Semana de Arte de 22. Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesse e noutros setores a mais eficaz resistência passiva de que se possa orgulhar uma vocação patriótica. No entanto, martirizaram você por falta de patriotismo!
[ANDRADE, 1991, p. 196]

– Basta, bonequinha! – disse La Fontaine. A formiga já sofreu a sova merecida. Pare, senão ela morre e estraga-me a fábula.
[LOBATO, 2003, p. 142]

Será ainda possível pensar, assim como propõe Jean Baudrillard, em uma América imaginada por sonhos e viagens românticos? Escreve o filósofo francês: “O fascinante é viajar pela América como se fosse a sociedade primitiva do futuro, uma sociedade inabitada por um fato metassocial total com imprevisíveis consequências, cuja imanência corta o respiro, que falta de um passado sobre que refletir e portanto ainda fundamentalmente primitivo” (BAUDRILLARD, 1989, p. 7). Será ainda possível, numa época de estudos literários comparatistas e de *glocalizações*,¹ que a América se reduza a um espaço ideal ou romântico a ser dominado?

Sophia McClennen destaca, em seu artigo preciso e polêmico, significativamente intitulado “La cultura latinoamericana y los estudios interculturales. Propositiones, peligros, posibilidades” (2004, pp. 259-272), a posição reiterada dos Estados Unidos como centro propulsor do pensamento cultural das Américas. Tratar-se-ia, dessa maneira, de uma “estrutura divisória e separatista”, que influenciaria negativamente uma reflexão efetivamente comparatista das Américas, em busca de zonas de contato comuns e de divergências no imaginário americano. Se a proposta dos estudos interamericanos parte do questionamento da supremacia dos Estados Unidos, a metodologia da literatura comparada deveria começar por criticar as bases ideológicas

¹ “Glocalização” é um neologismo resultante da fusão de dois termos, “globalização” e “localização”, e se refere à presença de uma específica dimensão local na produção de uma cultura considerada global. Falar hoje de “glocalização” tem o mérito de restituir à globalização o valor de interação existente entre o global e o local, de forma que as formações identitárias locais e regionais não se homologam mas “resistem”, contribuindo, assim, com força, para uma cultura integralmente global.

de um sistema considerado culturalmente único e não plural e por construir uma nova imagem continental, com frequência reduzida a uma oposição entre Europa e América, ou seja, entre a civilização e a utopia do *bon sauvage*.

Contudo, no âmbito da literatura comparada, as últimas décadas assistiram a uma renascença crítica dos estudos das Américas “em vertical”, consideradas, portanto, não apenas como um *continuum* continental, mas também como um lugar de diferenças significativas, levando a uma revisão de conceitos hegemônicos que colocavam os Estados Unidos como lugar produtor de discursos e a América do Sul como lugar antagônico, consumidor ou repetidor.

Caracterizada por fratura e precariedade, a identidade nacional e continental coincide, nesse caso, com a formação de uma consciência de diferença que contraria uma visão dicotômica, derivada da contraposição entre o patrimônio cultural e estético local e os métodos de reconhecimento do saber imposto pelas hegemonias. Nesse sentido, a proposta estética e cultural de Monteiro Lobato está vinculada a uma precisa tensão *moderna e híbrida*, que bem representa o pioneirismo inovador do “Gandhi do modernismo”, conforme a definição de Oswald de Andrade.

Modernismo e hibridismo caminham juntos. Não há dúvida de que o questionamento da rigidez dos gêneros literários tem encontrado um terreno fértil no século XX, em particular, na região cultural latino-americana e nas áreas pós-coloniais por causa da transformação e da tomada de consciência de um imaginário singular e novo, posto que periférico. Um primeiro fenômeno emergente dessa configuração híbrida dos gêneros é uma textualidade vivenciada e enriquecida pelas linguagens da oralidade, numa forma de transcendência e de superação do escrito como “puro estilo”.

A partir da tensão que deriva do continente latino-americano, polêmico e gerador de novos paradigmas e de novos discursos estéticos, que se articulam na produção e na composição de gêneros hibridizados, a proposta *moderna e híbrida* de Monteiro Lobato assume um efeito *sui generis* no panorama das letras das Américas. A escolha de propostas literárias fronteiriças como a literatura infantil e o ensaio, a fábula e a ficção científica, apontam para uma releitura dos discursos da cultura popular e do uso de figuras e clichês que nela se manifestam.

No âmbito da literatura, o discurso cultural-popular precisa sempre ser interpretado à luz da relevância estética que constitui o elemento discriminante do fenômeno literário. Monteiro Lobato, sem enfatizar a preocupação pedagógica pela qual frequentemente é reduzida a produção “infantil”, acentuou o teor *híbrido* de sua adesão

modernista (isto é, culturalmente revolucionária) com um gênero às margens do cânone literário. Com efeito, o que se considera “gênero infantil” beira o hibridismo, por definição, mesmo quando esse hibridismo é manipulado em favor do caráter moralizante e didático. Ademais, pelo gosto selvagem de taxonomizar, criou-se o termo limitante e infeliz de “literatura infantil”. Não é por acaso que Regina Zilberman sugere que “o conflito vivido pelo gênero infantil é, em outras palavras, entre ser ou não ser literatura” (2006, p. 31). De fato, se a estética da literatura se move dentro do trabalho de linguagens que têm como eixos a memória e a imaginação, então, também o gênero infantil entra, com pleno direito, na dignidade do estudo do fenômeno literário.

O texto infantil propõe, quase ideologicamente, uma imagem precisa do leitor-criança, que corresponde a fatores socioculturais e geográficos. O tipo de leitor torna-se assim exatamente caracterizado e encaixado numa projeção individualista e egocêntrica. O destinatário-criança é minuciosamente examinado através de reações que podem ser até preconceituosas - idiosincrasias, estilizações (talvez idealizações) - que provêm, todas, do ponto de observação hegemônico do autor. Portanto, o gênero infantil, se assim for considerado, deixa de ser uma ferramenta inocente e pura, e se reveste de “uma forte ambiguidade provocada pelas características próprias de uma literatura que relaciona estreitamente sua configuração literária com o conceito social da educação da infância própria de cada época” (COLOMER, 1998, p. 13).

Aliás, o livro de literatura infantil dirige-se para uma totalização imprevista, que reivindica as características do literário: “a literatura, como fato cultural de expressão total, é um meio particularmente vivo e eficaz de interesse e formação do cidadão, assim como um instrumento de luta contra os *handicaps* culturais da criança” (PERROT, 1999, p. 14). O texto infantil transforma-se, assim, em alegoria da «escrita», segundo o conceito de *écriture* de Barthes. Trata-se de uma escrita alegórica que funciona como discurso e formação ideológica, pois institui novas concepções do mundo, por meio de signos distintivos e particulares usos linguísticos (os *ideologemas* bakhtinianos) e porque reproduz o resultado da “relação entre a criação e a sociedade”: a escrita “é a linguagem literária transformada em sua destinação social, é a forma captada em sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História” (BARTHES, 2000, p. 13).

Monteiro Lobato é o paradigma dessa mudança e, em particular, da passagem, no fazer literário, de uma concepção do gênero infantil como consolador dos dramas estéticos-políticos para uma percepção escritural como liberdade criativa absoluta.

Emília, a boneca originada de farrapos, fala como “gente grande” e como heroína ficcional brasileira muda o próprio “corte genético” a que ela mesma deveria pertencer. Em outras palavras, nas mãos de Monteiro Lobato, o gênero infantil constitui-se como uma ferramenta de discussão político-cultural que mistura a “aparência” dos subtemas do gênero (fábulas, recuperação de personagens tradicionais, lendas populares) com um manejo extraordinário de problemas de intertextualidade, recursos históricos e metaliterários. Para Lobato o gênero infantil não é, modernamente, nem didático, nem exemplar, mas uma ferramenta na qual predomina o raciocínio, o uso da lógica e da disciplina de um saber tentativamente universal. Resultado do pensamento cético, materialista, de cunho positivista, Monteiro Lobato, já notório nas letras brasileiras pelas leituras satíricas de obras híbridas como *Urupês* (que funde elementos da crônica jornalística com uma interpretação mordaz da realidade, digna herdeira dos padrões latinos) não considera o gênero infantil como modelo de comportamento ou de leitura escolar.

O hibridismo proposto por Lobato assinala uma mudança do sistema cognitivo por meio da operação da leitura e de uma escrita que viola os códigos do gênero em que se insere, pelo progressivo distanciamento do entretenimento: as categorias da narratividade também sofrem “reinações”, em particular o tempo e o espaço que não são mais eixos lineares, mas dimensões desestabilizadas que apontam para “uma demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas” (1944, p. 341), como escreve o próprio Lobato a Godofredo Rangel. Na visão do autor do *Sítio do Pica-pau amarelo*, desaparece o tradicional imaginário do conto de fada. As fadas dão espaço a uma profética hipertextualidade que, sem resolver conflitos binários, acolhe a desordem e a confusão como bases de um modelo epistemológico sempre incerto e discutível.

Emília, boneca anti-normativa e petulante, “Independência ou Morte” (como ela mesma se auto-define parodicamente nas suas *Memórias*) é o exemplo proteiforme de ficção misturada a uma radicalidade ideológica: “as doses enormes de ironia, de inventividade e de espírito crítico com que os ingredientes tradicionais dos livros infantis são modernizados e rearticulados na obra infantil lobatiana têm por origem a ex-boneca de trapo e macela” (LAJOLO, 2001, p. 125). Essa “rearticulação”, como a define Marisa Lajolo, que é um decidido afastamento das convenções literárias do gênero, fornece ao leitor, por meio de paródias, alusões, predicados ideológicos, um saber enciclopédico que, apesar de fragmentado, hibridiza qualquer interpretação unívoca e tece uma semiose ilimitada.

Uma das ideias “emilianas”, como escreve Lobato, com reconhecível referência intertextual à experiência pedagógica de Rousseau, é que a mentira pode ser “boa”: “Isso de falar a verdade nem sempre dá certo. Muitas vezes a coisa boa é a mentira. Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira! [...] E se a verdade é para o bem, viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade!” (LOBATO, 2003, p. 26). Verdade e mentira acabam se conectando uma à outra, sem privilegiar a positividade de uma, contra a aparência maldosa da segunda; são assim reduzidas, relativizadas, apequenadas, como Emília fará dentre os episódios mais terríveis do *Sítio*, em *A chave do tamanho*, inspirada nos acontecimentos bélicos da segunda guerra mundial. Emília, alterego do autor, cansada de notícias de morte e destruição, põe em ação seu pensamento utópico: movendo a chave que regula a estatura dos seres humanos, ela consegue diminuir o tamanho do homem para reduzir nele a força devastadora e os desejos mortíferos. O lema de Emília, que chega a falar com o presidente dos Estados Unidos e assiste à morte de Hitler, é “adaptar-se” a essa “nova ordem” da realidade. Só que esses critérios “eugenéticos” têm que prestar contas com situações perigosas e violentas.

Monteiro Lobato, como leitor e crítico, utilizou sua facilidade de circulação na mídia escrita da época para difundir e debater a favor de uma produção de sentido e de imaginário “nacional” que se elevasse a fronteiras transnacionais. Exemplo desse discurso não ingênuo e “anti-imperialista” é a presença paródica de personagens já popularizados pela mídia sob a forma de desenhos animados e filmes de aventura, como Tom Mix, o gato Félix, Popeye, que apresentam vida própria e desejos como de sujeitos não ficcionais:

Querem novidades. [...] Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara (LOBATO, 2003, p. 11).

Sabe-se que Monteiro Lobato viajou aos Estados Unidos de 1927 a 1931, depois de ter sido nomeado adido comercial em Nova Iorque pelo presidente Washington Luis. Já havia publicado textos políticos e polêmicos, como o já mencionado *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920) que, hoje, sem cair no discurso panfletário, assumem grande importância. De retorno ao Brasil, Lobato publicou suas impressões

norte-americanas em um volume, *América* (1932), que, resgatando e parodiando o gênero filosófico do diálogo platônico, discute as reflexões geradas pelo contato com os Estados Unidos, quase sempre entusiastas, mas não ufanistas.

A partir de um exotismo óbvio e natural – do “estrangeiro” fora de pátria –, Lobato não perde as raízes brasileiras e seu olhar sobre Nova Iorque e Washington, as grandes cidades que visita, é antirromântico. Trata-se de um exotismo de dupla visão: Lobato não quer descontextualizar-se do Brasil, mas, ao mesmo tempo, quer entender o lugar de destino da viagem. Poderíamos chamar esse percurso nômade de “itinerário *do-ut-des*”², ou seja, a experiência de uma mobilidade cultural híbrida, no centro movediço de duas Américas que se rechaçam uma à outra, numa atitude cosmopolita nos anos mais críticos da modernidade política e econômica. Lobato não nacionaliza o Brasil, nem elogia os Estados Unidos como paraíso terrestre. Pelo contrário, ele adverte, com força atual, as trocas culturais que podem resultar benéficas e construtivas para ambos os países. Em dois trechos paradigmáticos, Lobato exalta o mundo americano como modelo de novidade regeneradora e libertação dos parâmetros autoritários:

Não meça as coisas americanas com as medidas da sua terra. As velhas medidas europeias, que são as mesmas da America do Sul, não medem mais a America do Norte. Ela não só criou coisas novas, como também criou medidas novas (LOBATO, 1964, p. 96).

Cada vez me sinto mais americano. Tudo na América me interessa, e se leio coisas antigas daí, ou vejo desenhos antigos, como os vistos nas revistas de livros que me tens mandado, sinto uma tal saudade... Creio que na última encarnação fui americano. Ou fui americano em muitas encarnações. Uma gravura antiga daqui não me diz nada. Um aspecto qualquer do Alden Pond, de Concord, da velha Charleston ou da Filadélfia do Velho Penn me comove. Estranho, isto. Tão estranho que só me explico como efeito de vidas anteriores passadas aí. Comprova isso o fato de que o que me interessa nos States (é) ser o país antigo, dos trails, dos wagons, dos salloons de Denver. Um romance de Alencar ou Macedo não me acorda coisa nenhuma na alma; já os livros de Jack London, de Melville e mesmo os de Mark Twain com cenas do Mississípi bolem comigo. E minha fúria petrolífera e ferrífera talvez não passem de ecos (LOBATO, 1964, p. 216).

² A expressão jurídica “do-ut-des” pertence ao juriconsulto romano Paulo (século II d. C.). Ela está a indicar um “contrato” de transferência de propriedade, entre um sujeito que recebe e um outro que doa algo. Todavia, com o passar dos anos, essa expressão adquiriu significados novos e às vezes pejorativos, como no caso do conceito de favoritismo. Nessas páginas usamos o “do-ut-des” em sentido positivo, afirmativo de uma troca simbólica de bens imateriais que enriquece, em vez de funcionar em detrimento de outros.

Ao mesmo tempo, Lobato critica a cultura norte-americana pois ela enfatiza os binarismos e as divisões maniqueístas, em cada aspecto do social e do individual, como se pode observar, por exemplo, no romance *O presidente negro* (1926), escrito nos moldes paródicos da ficção científica, em moda, naquela época. Segundo Marisa Lajolo:

O presidente negro é uma grande metáfora das consequências da desculturação de um grupo étnico e, simultaneamente, o grau de solidariedade entre ciência, arte, tecnologia e comunicação, tal como são praticados nas instâncias centrais e que só encontram seu sentido último nas lutas que pelo poder se travam no corpo social. Comunicação, tecnologia, arte e ciência, no caso, serviram para a população branca exterminar a população negra (LAJOLO, *website*).

Ora, se é verdade que “Lobato sonhava com uma literatura nacional, que fosse própria de nossa cultura” (BEDÊ REIS, 2007, p. 121), é bem pouco provável que a viagem americana não tenha deixado novos interesses e novas influências culturais na produção lobatiana, impregnando-a de um pensamento verdadeiramente continental (isto é, “americano”, nas duas vertentes). É indicativo o uso da cultura popular que faz Lobato e da qual o episódio do falso Gato Félix pode ser considerado como paradigmático.

O que incomoda Emília, o Visconde e tia Nastácia na “autobiografia” narrada pelo falso Félix é que ela é contada *mentirosamente*, sem graça. Certo, todas as ficções são semelhantes à verdade, mas como no episódio de “Madama Oretta”, no *Decameron* de Boccaccio (VI, 1), é o “como” a história é contada que faz a diferença. O gato Félix conta que nasceu no quadragésimo terceiro andar do arranha-céu mais alto de Nova Iorque. Emília fica fascinada com a sonoridade do número, mas desconfia quando ele informa que o céu da metrópole norte-americana é “todo furado” por culpa dos arranha-céus. Numa outra das aventuras narradas, o falso Félix diz ter permanecido, como o profeta Jonas, na barriga de um tubarão, sendo salvo graças a um capitão que o convida para ir *ao lugar que estava procurando*. O gato responde que deseja ir à terra “onde o demo perdeu as botas. Quero encontrar essas botas” (LOBATO, 1959, p. 156). Os clichês e a ausência de imaginário poético desapontam os presentes, deixando Emília nervosa. O comentário da boneca, crítica da literatura, é: “Não valeu a pena vir de tão longe para contar uma história tão sem pé nem cabeça. Eu, que nunca saí daqui, sou capaz de contar coisa muito mais bonita” (LOBATO, 1959, p. 153). Após a briga com

Emília, o gato Félix é desmascarado pelo sábio Visconde de Sabugosa como ladrão e como comedor de um dos pintos carijó do Sítio.

Longe de ser uma intromissão cômica e sem nexos, a história do falso Félix representa uma das incorporações de elementos populares na narrativa híbrida do *Sítio do Pica-pau amarelo*. É por meio da narrativa que se distribui conhecimento, sem o elemento mediador da escola. A um saber enfraquecido por causa de uma distribuição pedagógica acrítica e burguesa, Lobato, por meio das leituras ideológicas de uma boneca (que contrariamente ao que se poderia imaginar, é com frequência uma heroína muito incômoda e distante do padrão “barbie”), convida o seu leitor para um conhecimento vasto, dinâmico, eficaz, erigido sobre pilares que reenviam de um ponto a outro do saber científico. Nessa paródia, que renova violentamente os canais da produção fabular do passado, o “gênero infantil” é, explicitamente, uma literatura também para adultos, composto por múltiplas facetas que o *Sítio* apresenta, como: a reescrita do cânone clássico das fábulas; a subversão dos paradigmas político-culturais já estabelecidos; as variações de leitura cuja interpretação depende da capacidade errática do sujeito e de seu desejo de comprometer-se com um pensamento mediado por aventuras e travessias de fronteiras.

Lobato intui que a narrativa (e não apenas da literatura infantil) possibilita a demolição de linhas demarcatórias de gêneros por meio da mistura de discursos no quais o humor pode coexistir com a violência; a geometria com a comunicação de massa (Popeye, Tom Mix ou o falso Gato Félix); a quimera com a realidade. Com Monteiro Lobato, a América Latina pôde responder à cultura popular norte-americana por meio das travessias de uma boneca que supera, em sagacidade e irreverência, os heróis e anti-heróis, tristes e pouco irônicos, da literatura da modernidade.

Estamos convencidos da força do estudo da configuração literária e cultural das grandes regiões geopolíticas da terra. Embora não exista uma continuidade geográfica, nem – e muito menos – política, o espaço da região americana (isto é, das Américas) perturba os canais de pensamento epistemológico. As Américas permitem repensar na diversidade e na complexidade de um “todo-mundo”, aquela *crioulização* visada por Edouard Glissant, “a forma mais humana, a mais densa e mais intensa da metamorfose”, (2005, p. 74) que não é a realização de um poder totalitário, mas um convite a conviver no lugar da hibridez, isto é, nas margens e nas diferenças, para perguntar-se “como se construíram nossas identidades continentais?” (MILDONIAN, 2004, p. 276).

Assim, “antes de pingar o ponto final...” – poderíamos parafrasear o próprio Monteiro Lobato e citar as belas palavras de Emília, a boneca mais *híbrida* da história da literatura universal:

Quero que saibam que é uma grande mentira o que anda escrito a respeito do meu coração. É falso. Tenho, sim, um lindo coração – só que não é de banana. Coisinhas à-toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal deste mundo é a injustiça. Quando vejo certas mães baterem nos filhinhos, meu coração dói (2002, p. 140).

Acaso não é isso híbrido e, ao mesmo tempo, anti-hegemônico e anti-imperialista? As Américas, também por meio da produção narrativa de Monteiro Lobato, introduziram novos critérios de interpretação de uma cultura demasiado estancada e codificada. Duas Américas ou um continente só, uma única América continental que compartilha espaços geográficos e começa a experimentar discursos culturais próximos? A literatura, com seu sonho utópico de reconciliar o irreconciliável, almeja superar as fronteiras do regional para aproximar-se, de maneira interdisciplinar, da antropologia e da filosofia como campos de conhecimento porosos e já não esquematizados. A recuperação da simbolização oral das culturas caribenhas e centro-americanas – cuja pluralidade étnica incorpora falares, línguas e *modus vivendi* – e o patrimônio heterogêneo da intromissão da cultura popular norte-americana no imaginário latino-americano devem funcionar como estratégias atuais da busca de uma unidade americana na multiplicidade.

Assim, o falso Felix será desmascarado e o verdadeiro escreverá junto com Emília uma história híbrida da cultura americana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*, São Paulo: Globo, 1991.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *América*. New York: Verso, 1989.

BEDÊ REIS, Ana Luiza. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A barca de Gleyre*. São Paulo: Annablume, 2007.

COLOMER, Teresa. *La formación del lector literario*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.

GLISSANT, Edouard. *La cohée du Lamentin. Poétique V*. Paris, Gallimard, 2005.

LAJOLO, Marisa. “Emília, a boneca atrevida”. In: Lourenço Dantas Mota, Benjamin Abdala, orgs. *Personae. Grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo: Senac, 2001, p. 119-137.

_____. “A figura do negro em Monteiro Lobato”. <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf> (último acesso: 8 de setembro de 2014).

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre. Quarenta anos da correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1944.

_____. *Reinações de Narizinho*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. “América”. In: Monteiro Lobato, J. B. *Obras completas*. (1ª série: Literatura geral). São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. “Cartas Escolhidas”, v. 2. In: Monteiro Lobato, J. B. *Obras completas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Memórias de Emília*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MCCLENNEN, Sophia. “La cultura latinoamericana y los estudios interculturales. Proposiciones, peligros, posibilidades”. In: Biagio D’Angelo, org., *Espacios y discursos compartidos en la literatura de América Latina*. Lima: Fondo Editorial Universidad Católica Sedes Sapientiae, 2004, p. 259-272.

MILDONIAN, Paola. “Espacios literarios compartidos entre América Latina y Europa”, IN: *Espacios y discursos compartidos en la literatura de América Latina*, Biagio D’Angelo, org., Lima: Fondo Editorial Universidad Católica Sedes Sapientiae, 2004, p. 273-294.

PERROT, Jean. « Recherche et littérature de jeunesse en France. Recherche pure ou appliquée? » In: *Bulletin des Bibliothèques de France*. Paris: T. 44, n. 3, 1999, p. 13-24.

ZILBERMAN, Regina. “El estatuto de la literatura infantil”. In: Biagio D’Angelo, org., *Cuadernos Literarios. Letritas*, Año 3 n. 6, Lima: Fondo Editorial Universidad Católica Sedes Sapientiae, 2006, p. 17-41.

Data de submissão: 18/09/2014

Data de aprovação: 14/10/2014